

Cinema Brasiliense

Vladimir Carvalho *

A cidade ainda não existia. Era apenas um fio de poeira na imensidão do Planalto, com as máquinas abrindo trilhas mudas no cerrado, e já o cinema se fazia presente testemunhando o esforço humano para construir Brasília. Os cinegrafistas desciam de avião e helicóptero e as imagens explodiam depois pelo Brasil, nos cine-jornais, mostrando a obra de farab erguida com o suor dos josés nordestinos, os candangos, lembrando ao natural cenas de Cecil B. DeMille feitas em estúdios.

Pronta a obra, Brasília, já fervilhando de gente vinda de todo o canto, instalados os serviços e a dobradinha, surgiu a Universidade e com ela o olho do cinema, de novo atento às coisas daqui. Mestre Nelson Pereira dos Santos, Candango-honorário, fez com seus alunos da UnB, e parcos recursos, o documentário "Fala Brasília", o primeiro filme brasiliense. Corriam, então, os idos de 1965.

Na esteira de Nelson e Paulo Emilio, Jean Claude Bernadet e Maurice Capovila que tiveram de sair da Universidade (por motivos alheios a sua vontade) e ingressar ao Rio e São Paulo, viemos nós, trazidos pela mão benfazeja de Fernando Duarte que ficara de guarda do cinema lutando sozinho. De cara mobilizamos os alunos e o equipamento disponível. Praticamente uma câmera e um tripê. E aí saímos para o "Vestibular 70", enfocando os exames daquele ano, em dois dias de frio e tensão que resultaram numa imagem fria e dilacerante, porém verdadeira. Ajudamos depois a Geraldo Sobral Rocha que dirigiu "Brasília Ano 10", o sóbrio e plástico registro do aniversário da cidade, em 70. Fernando continuaria a crônica da cidade com "Ponto de Encontro": caras conhecidas mexendo na escultura "Polivolume" na entrada do Itamaraty. Heinz Forthamn saía de uma hibernação forçada e participava calado e solidário. Viria, então a ampla reportagem nunca montada dos tricampeões chegando aqui, com cenas inéditas de massa lotando a Praça dos Três Poderes. E Médiici abraçado a Pelé na tribuna de honra.

A esses trabalhos, ao longo do tempo, vieram se juntar outros, relatando eventos de Brasília e do Planalto, do novo e do arcaico, seguindo à risca proposta que adotáramos para as atividades de cinema da UnB: a formação de realizadores por meio da prática do documentário. Para sorte nossa aconteceram prêmios e distinções que prestigiaram e ajudaram a formar uma posição. Mas a nota mais gratificante foi a adesão e o surgimento de novos cineastas,

uma presença que confirmou o novel cinema de Brasília, diferenciado pelas suas características daquele outro que se faz entre o Rio e São Paulo.

Agora é a vez de um festival de realizadores brasilienses. No passo inicial, a idéia se materializou numa espécie de roteiro que fui anotando. Seria um filme sem película. Pensei nos eventos, nas pessoas e situações, atribuindo a cada qual um papel determinado. Cada "persona" com seu clima próprio e seu peso na mitologia da cidade. Como se a tribo se reunisse para um grande ritual, o exorcismo de nossos fantasmas e pretensões. No fundo, um acontecimento como este é uma contribuição na busca incessante de nossa identidade coletiva, da negada mais sempre perseguida alma de Brasília.

Na ante-sala um "Kuarup" para Forthamn, Paulo Emilio e Glauber que nos espiam de seus retratos, satisfeitos. O legado que deixaram é preservado agora na memória e sobretudo na ação dos que ficaram. O cartaz de Glênio Bianchetti se reparte como estandartes de nossa luta, a chancela de Aloísio Magalhães é um sinete de vida numa obra póstuma. Sem ele dificilmente o festival aconteceria. As estatuetas carajás ungrirão os vencedores e perpetuam o nome de Heinz Forthamn, cineasta — indigenista — desbravador. E a presença de Nelson, Fernando, Jean Claude, Capovila, tem o sabor de um reencontro com experimentados guerreiros. Seus segundos são Tisuka, Augusto, Bodansky, diletos e vitoriosos aprendizes.

Mas a sessão vai começar. O ecrã se ilumina como a fogueira primitiva. Igual a um épico-mítico, desfila uma pléiade de lutadores brandinho seus filmes — armas contra a inércia do meio —, é uma "justa" cultural. Não é um festival, é uma fábula, um rito necessário.

E com tal saga-mostra, o Cinema Brasiliense — ou que nome se queira dar — pretende realizar um balanço onde se pode sentir, negar ou reconhecer o quanto a prática do cinema contribuiu para a formação de uma imagem e interpretação de Brasília e sua irradiação; ou melhor, até que ponto essas imagens e sons foram fiéis ao espírito da grande urbe do Planalto.

Ou não será o cinema a arte brasiliense por excelência?

(*) Vladimir Carvalho é cineasta, há
12 anos em Brasília
